

## TRADUTORAS, DATILÓGRAFAS E RENDEIRAS

Rafael Cardoso-Ferreira (G - UFMS) <sup>39</sup>

Edgar César Nolasco (UFMS) <sup>40</sup>

### Resumo

O ensaio visa discutir o livro *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector, e a estratégia da qual ela se valeu para construí-lo, tendo em pano de fundo a tradução do romance francês *A rendeira* (1974), de Pascal Lainé, feita por ela. Postula-se que a referida tradução serviu de estofô para a criação do livro brasileiro, principalmente no tocante à temática nele desenvolvida. Tal proposição também põe em cena o papel e lugar da intelectual brasileira Clarice Lispector, uma vez que ela executou o trabalho da tradução para complementar suas reservas financeiras. Por fim, cogita-se a ideia que esse ofício da tradução modificou significativamente o projeto literário da escritora. O ensaio proposto centrar-se-á nessas questões.

**Palavras-chave:** *Clarice Lispector; tradução; intelectual.*

### Abstract

This article discuss the *A hora da estrela* book (1997) of Clarice Lispector and the strategy of which the Author utilized to make the book, having in the background the translation of a French novel *A rendeira* (1974), of Pascal Lainé performed by her. Posit that this translation helped her to create the Brazilian book, mainly regarding about the theme developed on this book. Such proposition put on scene the role and the place of Brazilian intellectual Clarice Lispector, once she did the translation work to complement hers margin finance. Eventually, some people think about the idea of this translation work modified significantly the literary project of the writer. This proposed article will be focused on these questions.

**Keywords:** *Clarice Lispector; translation; intellectual.*

## 1. INTRODUÇÃO

Traduzir pode correr o risco de não parar nunca: quando mais se revê, mais se tem que mexer e remexer nos diálogos. (LISPECTOR, 2005, p. 115.)

Como fica explicitado na epígrafe, podemos depreender que Clarice Lispector sempre teve a consciência crítica aguçada acerca dos processos tradutórios que operacionalizou durante sua vida. Isso fica notório, já que a intelectual afirma sobre “o risco de não parar

<sup>39</sup> Acadêmico do 3º semestre do Curso de Letras (DLE) do Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Bolsista de Iniciação Científica pelo PIBIC/CNPq. Atualmente, desenvolve o plano de trabalho “Entre a rendeira e a datilógrafa: Clarice Lispector no limiar da tradução cultural/ficcional” e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC-UFMS).

<sup>40</sup> Professor do Curso de Letras (DLE) e do Curso de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens do Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). É coordenador do projeto de extensão: NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados.

nunca”, quando ela se lança ao exercício da tradução. Esse risco é tido como o de não parar de escrever e produzir, tendo em vista que a intelectual traduziu aproximadamente 40 obras, entre as décadas de 60 e 70. Quando Clarice diz, “quando mais se revê, mais se tem que mexer e remexer nos diálogos”, deixa-nos entender que quanto mais lê o que traduziu, mais tem a necessidade de mexer na tradução feita (nos diálogos).

## **2. APROXIMAÇÕES ENTRE: *A HORA DA ESTRELA* E *A RENDEIRA***

O romance *A hora da estrela* foi lançado no Brasil em 1977, ano da morte de sua autora. Clarice Lispector tem reservas quanto a sua última obra, acha-a artificial e simplificadora. Ao menos é o que nos deixa transparecer na dedicatória do exemplar oferecido à sua amiga e secretária Olga Borelli: “Olga, este livro não é bom, é superficial, mas que é que se há de fazer? A inspiração vinha. Mas a preguiça e o desânimo também. Você é que fustigou minha preguiça e desânimo. Sem você o livro não sairia, você bem sabe disso. Eu não digo ‘obrigada’ porque é pouco. Receba-o com um abraço amigo”.

Podemos nos perguntar sobre o lado superficial que Clarice aponta em seu próprio *esteja relacionada a uma* estrutura clara, a um narrador masculino que a impede de resvalar, a personagens bem delineados. Macabéa, no entanto, parece ser o contraponto para essa superficialidade, pois desarruma tudo com seu jeito torto de ser e de viver. Desnorteando a todos, até ela própria, que do Nordeste desceu ao Rio de Janeiro para se perder na cidade grande.

Um outro romance, *A rendeira*, de Pascal Lainé, também apresenta uma moça simples, chamada Pomme. A personagem trabalha num salão de beleza, tem uma vida comum, mas nela há algo de inquietante, que não pode ser explicado nem revelado, segundo o narrador da história.

Ao escrever o livro *A hora da estrela* (1977), Lispector apropria-se de uma tradução feita por ela nos anos 70. Trata-se do romance francês *A rendeira* (1975) de Pascal Lainé, que, conforme mostraremos, pode ter sido tomado como pano de fundo no processo criativo da novela da escritora. Na verdade, postulamos que a referida tradução tenha servido de estofamento para a criação do livro brasileiro.

O que Clarice Lispector faz, com maestria, é explorar a angústia que toma conta do ser humano, sua dificuldade em entrar em sintonia com um dia-a-dia que parece confrontar-se com seus sonhos e projetos. Para suas personagens, o viver no mundo é uma grande pergunta, tornando-as seres inquietos, mais ligados a impressões do que a fatos. Como se vê nesta passagem de *A hora da estrela*:

Desculpai-me mas vou continuar a falar de mim que sou meu desconhecido, e ao escrever me surpreendo um pouco pois descobri que tenho um destino. Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa? Quero antes afiançar que essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar “quem sou eu?” provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto. A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham. (LISPECTOR, 1998, p. 15)

Pensando especificamente no campo da Literatura Comparada e como a mesma articula a teoria da tradução numa perspectiva comparativista, chamamos a atenção para dois textos teóricos sobre o assunto. O primeiro trata-se do texto de Eneida Maria de Souza, intitulado “Tradução e intertextualidade”, que se encontra no livro *Traço crítico*. No texto, Souza mostra-nos como a teoria da tradução chegou ao campo da teoria literária. Embasada principalmente no que postula Haroldo de Campos, Souza chama a atenção para o fato de que a tradução está inerentemente amarrada à tradição cultural. Também não deixa de esclarecer que tradução e antropofagia são intrínsecas, ou seja, estudar a tradução é também uma forma de se estudar como uma cultura, um texto alheio traduzido contamina o outro. A autora deixa claro que a teoria da tradução, a começar pelo título do artigo, demanda e reforça a prática de uma visada transdisciplinar e transcultural exigida pela Literatura Comparada e depois pelos Estudos Culturais.

O segundo texto é o de Tânia Franco Carvalhal, intitulado “Tradução e recepção na prática comparatista”, último ensaio do livro *O próprio e o alheio*. Totalmente centrada numa perspectiva comparatista, Carvalhal discute a tradução como criação literária (Campos), a tradução como um outro texto, mostra a relação direta entre tradução e Literatura Comparada, discute a relação entre tradução e tradição para, num último momento do texto, aproximar a prática da tradução de uma prática comparatista. Enfim, o ensaio de Carvalhal resume de forma feliz o que de melhor se pensou no Brasil na última década sobre a importância da tradução no campo da Literatura Comparada.

A relevância do trabalho efetuado por Clarice Lispector resume-se, como Carvalhal relata no ensaio mencionado acima, de *grosso modo*, não só pela quantidade de obras “traduzidas”, mas também pelas práticas empreendidas: ora Clarice simplesmente “traduz”; ora faz adaptações literais; ora reescreve completamente algumas obras; ora recria baseado em obra alheia. Ao agir assim, Clarice não só embaralha os processos tradutórios com os processos de criação, como subverte a noção de autoria. E é na esteira, que citamos Carvalhal que afirma como o processo tradutório interfere na própria criação literária: “Toda tradução literária é uma das possíveis versões de um das possíveis versões de um texto original. Assim,

sendo o novo texto, é ainda o texto anterior”. (CARVALHAL, 2003, p.227)

A tradução, que não mais é, *grosso modo*, do que uma prática das diferenças entre línguas, entre povos e entre culturas, pode ser comparada à desconstrução derridaiana, na medida em que ambas tratam da questão diferencial que se impõe na significação (tradutória). Nesse sentido, vale a pena transcrever uma passagem de Derrida, do texto “Carta a um amigo japonês”, no qual o filósofo propõe explicar ao amigo as impossibilidades da tradução mesma da palavra desconstrução. O interessante é que ao fazer isso, Derrida vincula para sempre a palavra desconstrução à palavra tradução:

Então, a questão seria: o que a desconstrução não é? ou, melhor dizendo, o que deveria não ser? Sublinho essas palavras (“possível” e “deveria”). Pois se podemos antecipar as dificuldades de tradução (e a questão da desconstrução é também de um lado a outro a questão da tradução e da língua dos conceitos, do corpus conceitual da metafísica dita “ocidental”), não deveria começar por acreditar, o que seria ingênuo, que a palavra “desconstrução” é adequada, em francês, a alguma significação clara e unívoca (*apud* Ottoni, 2005, p. 11-12).

Com base no que afirma Derrida, Ottoni observa que “a tradução e a desconstrução caminham juntas e se (con)fundem em alguns momentos para revelar o mistério da significação, e, se levarmos ao extremo, podemos fazer de uma o sinônimo da outra” (Ottoni, 2005, p.12). Ou seja, ao falar ao amigo da impossibilidade de se traduzir a palavra desconstrução e ao mesmo tempo traduzindo-a, Derrida mostra como uma palavra é substituível por outra numa mesma língua ou entre uma língua e outra, numa cadeia de substituições evidenciando e praticando a diferença. (Cf. Ottoni, 2005, p. 12).

São inquestionáveis as semelhanças ente *A rendeira* (1975) e *A hora da estrela* (1977), mas o que nos chama mais a atenção são as formas similares existentes entre as protagonistas das histórias: Pomme, de *A rendeira*, Macabéa, de *A hora da estrela*. Como acontece no decorrer da narrativa de *A rendeira* (1975), onde Pomme se apaixona por um estudante de Letras, Aimery, que será seu namorado por toda a narrativa. Apesar de perceber em Pomme certa sensibilidade, que Olímpico, namorado de Macabéa, de *A hora da estrela* (1977), não sentia na jovem alagoana, havia algo indecifrável que irritava profundamente ambos os namorados e os narradores das histórias. Aimery brigava com Pomme, por ela não exigir nada dele, e também por não dar o valor que o namorado queria receber. O que confundia o jovem era a dureza com que Pomme se comportava, ora ela queria jantar com o namorado e ao mesmo tempo não estava com vontade comer nada. Esse aborrecimento de Aimery que o narrador nos relata nesta passagem: “Acendia um Gitane com filtro. Agora, evitava passar com ela longos momentos de lazer, por causa desses silêncios, dela, dele, e dela ainda”. (LAINÉ, 1975, p. 88 – 89).

Já no tocante a Macabéa, a protagonista de *A hora da estrela*, Olímpico reclama de seu silêncio, que até depois de um lindo passeio no Jardim Zoológico, sua namorada nem abria a boca, nem se quer um momento para reclamar ou para dizer sobre o passeio. Deixa-nos claro a “cólera” que Olímpico tinha por Macabéa: Depois da chuva do Jardim Zoológico, Olímpico não foi mais o mesmo: desembestara. E sem notar que ele próprio era de poucas palavras como convém a um homem sério, disse-lhe: - Mas puxa vida! Você não abre o bico e nem tem assunto! (LISPECTOR, 1998, p.55).

Esse silêncio alienante que marca as protagonistas faz com que Olímpico e Aimery, apesar de opostos entre si, tenham sensações análogas perante as ações ou “não-ações” das namoradas. Contudo, no caso de Macabéa, a irritação do namorado é tão grande que ele pergunta: “(...) escuta aqui: você está fingindo que é idiota ou é idiota mesmo?”. (LISPECTOR, 1998, p.56).

O ato de ter traduzido interferiu significativamente no projeto literário de Clarice Lispector. Exemplo notório é a epígrafe com que Lainé abre seu livro, traduzido por Clarice Lispector, ao escrever o livro *A hora da estrela* em 1977, a intelectual possivelmente usa essa epígrafe para desenvolver a protagonista da história, temos então a epígrafe:

Um ser que nem pode falar nem ser dito, que desaparece em voz na massa humana, pequeno rabisco nos quadros da História, um ser como um floco de neve perdido em meio pleno verão, será ele realidade ou sonho, bom ou mau, necessário ou sem valor? (MUSIL *apud* LAINÉ, 1975, p.7 – grifos nossos).

Esse ser “sem voz”, “um pequeno rabisco” que “não pode ser dito”, está indiscutivelmente disseminado na construção da protagonista de *A hora da estrela* (1977), que tinha apenas “seu sexo como marca veemente de sua existência”, e, mais, como disse a própria Clarice/Rodrigo S.M., *A hora da estrela* “é um livro feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio”.(LISPECTOR, 1998, p.17).

No decorrer do livro, Lispector, por meio de Rodrigo S.M., queixa-se ou muitas vezes deixa pistas do diálogo posto em prática com a obra traduzida. Pois como disse Clarice/Rodrigo S.M.: “Eu não inventei essa moça. Ela forçou sua existência dentro de mim” (LISPECTOR, 1998, p. 29). Nessa passagem vemos que a intelectual deixa “pistas” visíveis de que esta “existência forçada” é também advinda de sua atividade tradutória. Carvalhal afirma no texto “Tradução e recepção na prática comparatista” essa influência de as traduções literárias intervêm no papel do intelectual: “Não há dúvida de que a tradução alimenta a criação literária. Isto ocorre tanto na perspectiva de que as traduções literárias enriquecem os

sistemas que integram como também o trabalho individual do escritor”.(CARVALHAL, 2003, p.222)

Além de Pomme e Macabéa apresentarem características comuns, a narrativa dos dois romances é quase a mesma. Pomme e Macabéa vivem desajustadas, estão despreparadas para o mundo que as cerca. Diríamos que Macabéa ainda mais, pela dura realidade a que é exposta na vida social brasileira: órfã de pai e mãe, é criada por uma tia no Nordeste, no Estado de Alagoas. Pomme também tem uma infância difícil: é filha de uma mulher pobre, abandonada pelo marido, e que, além de garçoneiro em um bar, prostituía-se aos clientes para segurar o emprego.

Pomme e Macabéa, ambas as personagens vivem de formas desajeitadas, o que vemos é a miséria a que elas estão destinadas, sem que haja qualquer saída para os obstáculos postos pela narrativa. No tocante das profissões subalternas das protagonistas, Macabéa não chega a ser uma rendeira daquelas de mão cheia, como há no Nordeste, como Pomme é descrita no livro *A rendeira* (1975), Macabéa em *A hora da estrela* (1977) é apenas uma cerzideira:

A moça tinha ombros curvos como os de uma cerzideira. Aprendera em pequena a cerzir. Ela se realizaria muito mais se desse ao delicado labor de restaurar fios, quem sabe se de seda. Ou de luxo: cetim bem brilhoso, um beijo de almas. Cerzideirazinha mosquito. Carregar em costas de formiga um grão de açúcar. Ela era de leve como uma idiota, só que não o era. Não sabia que era infeliz. É porque ela acreditava. Em quê? Em vós, mas não é preciso acreditar em alguém ou em alguma coisa - basta acreditar. Isso lhe dava às vezes um estado de graça. Nunca perdera a fé. (LISPECTOR, 1998, p. 26)

No final das narrativas as duas personagens têm destino em comum: Macabéa recorre a uma cartomante (a conselho de Glória), que prevê para ela um futuro promissor, o encontro de um estrangeiro rico que vai amá-la; ao deixar a cartomante, vê um Mercedes vindo em sua direção e compreende que as previsões começam a acontecer, o moço loiro dirigindo o carro veio buscá-la. Mas o carro não pára e Macabéa é atropelada.

O destino de Pomme parece menos trágico: deixa o pequeno apartamento do estudante parisiense e volta para a casa da mãe. Perde o apetite e o brilho das bochechas lisas como a casca de uma maçã, detalhe de seu corpo que explica seu apelido; adocece gravemente e um dia cai também no meio da rua. Um carro é obrigado a parar para não atropelá-la. Pomme é internada em uma clínica psiquiátrica, onde recebe, mais tarde, a visita de Aimery. Ele reconhece ainda seu olhar de rendeira, bordadeira ou carregadora de água.

Em *A rendeira*, Pomme é descrita por alguém que tenta perscrutá-la, tentando adivinhar sua maneira de sentir. Com Clarice, a “pobre-de-espírito” é revelada em sua crueza. O narrador, um intelectual, fica dividido em relação a Macabéa. Ela o perturba porque o

obriga a rever-se, a questionar seu papel social. Mas por trás dele temos a própria Clarice, misto de pesquisadora densa da alma humana diante do mundo. Dessa forma, ela encontra um campo comum, uma irmandade com a personagem, tão diferentes e tão próximas ao mesmo tempo.

### 3. A INTELLECTUAL TRADUTORA

A tradução feita por Clarice leva-nos à releitura crítica do papel da tradução no projeto literário e intelectual da escritora. Devido às dificuldades financeiras que Clarice enfrentava, ela se vê obrigada a traduzir textos dos mais diversos gêneros e assuntos. Essa produção “transcriativa” interfere consideravelmente na última produção da escritora, propiciando, dessa forma, uma revisão crítica do período em que escreve e de toda a sua produção anterior. Conforme o exposto é escusado dizer que as condições econômicas pelas quais passa a intelectual acabam interferindo diretamente no objeto cultural então produzido. Como reitera:

[...] é o meu sustento. Respeito os autores que traduzo, é claro, mais procuro me ligar mais no sentido do que nas palavras. Estas são bem minhas, são as que elejo. Não gosto que me empurrem, me botem num canto pedindo as coisas. Por isso senti um grande alívio, quando me despediram de um jornal recentemente. Agora só escrevo quando quero (*apud* GOTLIB, 1995, p.416).

Clarice Lispector, por toda sua vida intelectual, sempre faz um tipo de tradução, muitas vezes, inclusive, dividindo o trabalho com um amigo, como nos textos dramaturgicos, por exemplo. Mas foi na década de 70 que esse trabalho tornou-se efetivo.

Também justifica o que já dissemos sobre a condição financeira da escritora o fato de ela ter sido “expulsa” sumariamente do *Jornal do Brasil*:

no dia 2 de janeiro [1974] eu recebi um envelope, e dentro tinha minha crônicas. E uma carta seca sem nem agradecer os serviços prestados durante sete anos, dizendo que daí em diante eu estava dispensada de trabalhar. Então eu movi uma ação. (*apud* GOTLIB, 1995, p.415).

Diríamos que foi pela demissão, no *Jornal do Brasil*, como explicita Gotlib (sua biógrafa), que Clarice Lispector intensifica seu trabalho como tradutora. No ano em que Lispector foi demitida, a intelectual aceita escrever e publicar um livro sob encomenda, *A via crucis do corpo* (1974). Isso só reitera que as necessidades financeiras de Clarice Lispector interferiram em seu projeto intelectual.

Em suas traduções, a intelectual não só embaralha os processos tradutórios com os processos de criação, como “borra” os limites do próprio e do alheio. Percebemos que ao “precisar” traduzir os mais diferentes tipos de texto, Clarice, valendo-se de uma relação

transferencial, uma apropriação que pode ser inconsciente, incorpora tais textos disseminando-os em sua *própria* literatura.

Postulamos que as obras publicadas por Clarice Lispector na década de 70, como os livros *A via íntima de Laura* (1974), *A via crucis do corpo* (1974), *Onde estivestes de noite* (1974), *Visão do esplendor: impressões leves* (1975), *De corpo inteiro* (1975), *A hora da estrela* (1977), *Um sopro de vida* (1978), *Quase verdade* (1978) e *A bela e a fera* (1979), sofreram influência direta dos livros por ela traduzidos. Como constatamos nas obras traduzidas pela escritora, a “tradutora” assume uma autoria múltipla e descentrada com relação às obras alheias.

## REFERÊNCIAS

- CARVALHAL, Tania Franco. Tradução e recepção na prática comparatista. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. Editora Unisinos: São Leopoldo, 2003.
- FERREIRA, R. M. C; NOLASCO, Edgar Cezar. A tradução em Clarice Lispector. *Interletras* (Dourados), v.2, 2009.
- GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- LAINÉ, Pascal. *A rendeira*. Trad. Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. Traduzir procurando não trair. In: \_\_\_\_\_. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- NOLASCO, Edgar Cezar. Clarice Lispector tradutora. *Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura. Literatura e presença*. Universidade de Brasília, n.24, ano 27.